

RESENHAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política. Literaturas de língua portuguesa no século XX.* São Paulo: Ática, 1989.

Pedro Santos
CPGL / PUCRS

Lançado pela Ática em 1989, *Literatura, história e política* — Literaturas de língua portuguesa no século XX, discute estratégias para o estudo comparado das literaturas de língua portuguesa. Recuperando aspectos históricos, o autor, Benjamin Abdala Junior, trabalha com os conceitos associados de ideologia e teoria da práxis aplicados às produções portuguesas, brasileiras e africanas, e mostra os diversos pontos de contato existentes entre as duas últimas, de modo particular. Não por acaso, nesta relação, são essas nações as que ostentam a condição de colonizadas e repartem a situação de subdesenvolvidas. O escritor engajado, dentro desse espaço, confunde-se com o operário e integra-se na construção efetiva, percebendo o quanto seu universo é um “vir-a-ser” a chamar-lhe incessantemente. Desta forma, o seu produto, negando o da metrópole, é capaz de construir um caminho próprio e colocar-se na vanguarda em relação àquele.

As literaturas engajadas em português, que aparecem numa situação histórica de profundas transformações sociais, possuem uma dominância artística que alterna-se com outras dominâncias, tais como a política, ideológica, sociológica, psicossocial, filosófica e (mesmo)

factual-jornalística. Tais matérias transformam-se de extra em intra-textuais, afirmando o texto como um local de conflito, não de diálogo. A relação entre os textos (intertextualidade) independe da nacionalidade da produção, ou seja, há uma interação multinacional através de uma correlação de esquemas de pensamento que se atualizam em práticas variadas. Assim a dependência ou a hegemonia de uma literatura em relação a outra não acontece, visto que, pela práxis, individualmente tais literaturas criam-se como personalidades, com esquemas históricos de conduta.

Abdala Junior trabalha com categorias da literatura comparada, da sociologia da literatura e da história literária, buscando indicar, no estudo de textos, os procedimentos que se identificam no paradigma. Dentre os autores selecionados encontram-se Érico Veríssimo, Ferreira Gullar, Graciliano Ramos e Jorge Amado (Brasil); Alves Redol, Carlos Oliveira, José Cardoso Pires e José Saramago (Portugal); Agostinho Neto, Luandino Vieira e Uanhenga Xitu (Angola); Corsino Fortes, Baltazar Lopes e Manuel Ferreira (Cabo Verde); Luís Berbando Honwana e José Craveirinha (Moçambique); e Francisco José Tenreiro (São Tomé e Príncipe). O Autor experimenta uma caracterização do sentido dialético da construção do imaginário político dos escritores engajados contemporâneos, nos países de língua oficial portuguesa. Entende que as estratégias do discurso político apontam não apenas para o engajamento do cidadão-escritor, mas sobretudo, para o engajamento literário, que se dá na palavra escrita, ponto de encontro da vanguarda ideológica e da vanguarda artística.

O modernismo brasileiro, assim como o dos países africanos, apresenta uma tendência sócio-lingüística, em oposição ao psicolingüismo modernista português (Pessoa e Sá-Carneiro). Neste país, a conjunção das literaturas de ênfase social com a modernidade só se efetivou na década de 50, quando o encontro vanguarda artística/vanguarda ideológica alargou-se para o conjunto dos escritores identificados com o neo-realismo. Esta relação com a metrópole ajuda-nos a entender a primazia das “colônias”. Uma condição comum de dominadas levou-as a uma unidade que, paradoxalmente, manteve as diferenças individuais. Abdala Junior chama a isso de alteridade mestiça, com motivações próprias de cada país. O ponto final colocado pelo Autor não deixa de ser um desafio às sociedades de língua portuguesa, particularmente ao Brasil e aos países africanos, no sentido de que

reincorporem na prática política aquilo que o discurso literário experimenta em forma de linguagem. Tal desafio é detectável na medida em que mostra como os modos (ideológicos) de articulação soldam o discurso político ao literário, permitindo a discussão do caráter artístico do engajamento, do poder de linguagem subjacente ao texto, do circuito comunicativo e da articulação do campo intelectual em nossos países.

BARRENTO, João. *História literária. Problemas e perspectivas*. Lisboa: A'páginastantas, 1986.

Volnyr Santos
PUCRS

História literária. Problemas e perspectivas. Organização e Introdução de João Barrento. Publicado por A'páginastantas, Lisboa, 1986. Traduzido do alemão por Aires Graça, João Barrento, Fernanda Cândida M. A. Gomes e Maria Antónia Amarante Santos.

O livro se estrutura a partir de sete artigos, iniciando com Walter Benjamin, que discute o conceito de História. Para o pensador alemão, a História não é um tempo vazio, mas a permanente construção do Agora (*Jetztzeit*). Com Roland Barthes, aparece o artigo "História ou Literatura?", propondo a idéia, a partir da obra de Racine, de que essas duas ciências têm suas próprias formas de ver o mundo. Gert Mattenklott e Klaus Scherpe assinam o artigo "Para uma história social da literatura" e traçam considerações sobre a função da literatura na formação da classe burguesa da Alemanha no século XVIII. Em "A história literária como problema", Viktor Zmegac discute a questão da história da literatura, concluindo que uma possível solução para o problema seria levar em conta as condições de produção e recepção do texto. A resposta à pergunta "História da literatura: por que e para quê?", de W. Beautin, K. Ehlert, W. Emmerich, H. Heffacker, B. Lecke, B. Lutz, R. Schnell, P. Stein e I. Stefan, encaminha a questão para a idéia de que essa história só tem sentido na medida em que se estabelece a relação entre um sujeito leitor e suas experiências enraizadas no seu próprio presente. O artigo

"A 'época' como conceito de trabalho na história literária", de Ernst Ribbat, detém-se sobre a forma ingênua da "época", propondo, como atitude adequada, a recepção não só das obras, mas também das formas de comportamento secularizadas e burguesas no contato com a literatura, na sua apropriação e alteração no sentido do futuro ou do passado. O artigo que fecha o livro é de Walter Benjamin e trata da "História da Literatura e da Ciência da Literatura". Para ele, é discutível que a razão poderá apreender a obra de arte, concluindo que é muito afastada a hipótese do reconhecimento de que sua existência no tempo e o processo de sua compreensão são só duas faces de uma e da mesma realidade. Ao final, o livro *História literária. Problemas e perspectivas* traz um esclarecedor "Glossário de nomes e conceitos", registrando e esclarecendo vários termos da história literária.

MENDONÇA, Fátima. *Literatura Moçambicana: a história e a escrita*. Maputo: UEM, 1989.

Maria Zenilda Grawunder
CECLIP / CPGL / PUCRS

Fátima Mendonça, estudiosa moçambicana e professora de Literatura Africana de Língua Portuguesa, nas Faculdades de Letras e Educação, da Universidade Eduardo Mondlane, nesse livro reúne artigos, estudos e pronunciamentos relacionados com a literatura de sua pátria. Conforme a autora esclarece no prefácio da obra, são conclusões anteriormente apresentadas em conferências, colóquios e encontros promovidos por universidades, dos quais participou nos últimos quatro anos.

O livro é organizado em dois blocos estreitamente relacionados: A HISTÓRIA e AS ESCRITAS.

No primeiro, a partir de reflexões sobre a gênese da ocorrência da língua portuguesa em Moçambique, a autora tece considerações sobre as funções da língua portuguesa e da língua ronga no processo cultural do país, com ênfase na função da língua como instrumento e meio de assimilação, inicialmente veículo de ideologia propagada

pelo governo português e pela Igreja, mas também caminho para a emancipação, através da literatura.

Nesse percurso, da assimilação à libertação, afirma-se a literatura moçambicana e são destacados e comentados seus nomes mais representativos em poesia, jornalismo e teatro.

A periodização da literatura moçambicana apresentada no livro inclui: 1º período, de 1925 a 1945-47, 2º período: 1945-47 a 1964 e 3º período, de 1964 a 1975.

Em outro artigo, é abordada a produção literária subsequente. O capítulo "Literatura Moçambicana, dez anos depois (1975-1985)", retoma o passado e atualiza dados desse período, não abrangendo, no entanto, referências relativas ao final da década de 80.

Outros artigos, reunidos sob o título geral AS ESCRITAS, debatem a poesia individual de alguns autores. Entre esses estão: "O Conceito de Nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira"; "Rui de Noronha, O Esquecido?"; "Orlando Mendes: Notas para o Estudo da Obra Poética", além do estudo analítico *Por cima de toda Folha*, a escrita e a intertextualidade, sobre a poesia de Heliodoro Baptista e "O Gênero Zé Craveirinha".

Devido à sua própria gênese, a partir da reunião de pronunciamentos em diferentes espaços, épocas e públicos diversos, as informações reunidas no livro são elucidativas e fundamentais, preenchendo um espaço informativo útil para os que se interessam por literatura africana e moçambicana em particular.

ABELAIRA, Augusto. *O triunfo da morte*. 2ª ed.,
Lisboa: Sá da Costa Editora, 1981.

Ione Menegolla

PUCRS

Em *O triunfo da morte*, ao se dirigir ao leitor, o sujeito da narrativa o coloca como co-responsável pela situação apresentada, pelo problema desenvolvido e pela própria epifania estético-existencial. "Para que haja cumplicidade, é preciso que o jogador/escritor jogue sábia e arditamente, conseguindo parceiros para que a obra

se cumpra, para que o signo se concretize." Este chamamento ao leitor para ser inserido no discurso ficcional supõe uma conjunção de partícipes na revelação de problemas que são comuns a todos. Uma vez partícipes da revelação, podem agir como militantes da criação e da transformação dos problemas. As observações do sujeito da narrativa a respeito do discurso são repetidas e pertinentes. "Se componho um livro, se penso não só em mim, mas nos leitores, na curiosidade dos leitores, isso obriga-me a averiguar não somente o que pretendo exprimir, obriga-me também a mobilizar a atenção deles. Mas ao pretender mobilizar a atenção, o mobilizado sou eu... E então começam a dirigir a minha caneta através da idéia que deles faço; já não sou eu quem escreve, escrevem os leitores." Na esteira desse raciocínio, ele persegue a revelação de um fundo imperceptível como um veio que se constitui no contraponto da sua História; pois a harmonia de uma obra reside nesse contraponto, deduz.

O triunfo da morte apresenta vários segmentos, com temas diferentes, mas todos mantendo uma mesma relação e perseguindo um mesmo ideal, ou seja, uma comunicação espiritual e espirituosa. Para tanto, remete a Alberto Caeiro, o mestre da linguagem zero, o que vivia a realidade em lugar da metáfora. De certa forma, "por uma certa deformação historicizante que (nos leva a nós portugueses) a ascender sempre à nebulosa primitiva quando desejamos contar o mais ínfimo dos acidentes".

A errância interior no tempo marca a base do discurso do sujeito da narrativa. É a recordação de elementos relacionados à morte que provocam no sujeito uma retomada desse tema, no sentido de reprisar, por meio do tempo-memória, os seus atos, tanto em relação a si mesmo como em relação aos valores existenciais. Tal situação serve como motivo para o questionamento do seu procedimento e do procedimento dos outros e, principalmente, das necessidades daí decorrentes. Essa errância traz à tona pormenores do cotidiano que mexem mais ainda com o interior do sujeito. E reside justamente no trato dos pormenores cotidianos a originalidade do tema.

A obra de Augusto Abelaira desenvolve o tema da morte ao questionar o tema da vida. Num ambiente estético-existencial, os seres são confrontados, destacando os diversos matizes da morte e o seu triunfo frente à monotonia e a decadência da vida. A morte triunfa à medida que o amor se põe arcaico e destruidor, "dado

que a escola, a família, toda a civilização representa um esforço para que, ao contrário do macaco, o homem domine as emoções." Os sentimentos contribuem, desse modo, para o desaparecimento do homem. "De nada se dirá belo ou feio, os olhos do novo primata aprenderão o mundo tal qual é, ou melhor, tal qual serve — o verbo ser também desaparecerá." Quando os seres em geral forem apreendidos apenas pela utilidade que tiverem, pela falta de imaginação e por uma evolução programada, sem liberdade, a morte triunfará.

O triunfo da morte se dá à medida que é constatada a relatividade da vida e o porquê dos homens, dos estados de consciência e da expressão. A produção estética vai-se desenvolver também dessa forma. E desse modo, o plano estético confunde-se com o plano da condição humana.

PIRES, José Cardoso. *Alexandra Alpha*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

Márcia Helena S. Barbosa
CPGL / PUCRS

Em *Alexandra Alpha*, José Cardoso Pires busca apreender a complexidade das relações e dos atos humanos e restaurar a idéia de um mundo passível de ser transformado, problematizando a História de Portugal.

Alexandra Alpha conta a história de Alexandra Maria e de seus amigos, um grupo de intelectuais que vive os momentos da ditadura salazarista em Portugal e que, posteriormente, assiste à deflagração da Revolução dos Cravos, no dia 25 de abril de 1974, que põe fim a este regime.

Nesse romance, José Cardoso Pires lança mão de recursos utilizados com frequência em suas obras, através dos quais "as personagens revestem-se de um carácter histórico preciso": a alusão a fatos da História de Portugal; a menção ao nome da protagonista no espaço reservado às dedicatórias; e o uso das notas de rodapé e de uma nota prévia, assinada pelo Autor, em que este afirma haver transcrito ou adaptado dos "Papéis de Alexandra Alpha" algumas referências

incluídas no romance. Estes procedimentos fazem com que a história narrada seja lida como a própria biografia de Alexandra Alpha.

Além de uma parte introdutória, de menor extensão, que dá a conhecer o envolvimento de Alexandra com amizades suspeitas no Brasil, a profissão que exerce (especialista de "marketing") e sua transferência para Portugal, terra onde nasceu, a narrativa contém duas grandes partes. A primeira delas, cujo título é "A cor da pérola", desvela a gama de reações e sentimentos contraditórios vividos pelas personagens durante o período da ditadura de Salazar. Embora sejam capazes de analisar a realidade com lucidez, Alexandra e seus amigos não ascendem à condição de sujeitos da ação, mantendo-se passivos. E esta atitude de isenção tem como conseqüências a deformação de seu próprio carácter, a perda de sua identidade e a solidão. Os intelectuais substituem a verdadeira participação política pela constante representação e, neste jogo, procuram convencer os outros e aliviar a própria consciência sem correr riscos.

Observa-se que os traços que caracterizam a vida das personagens no plano político-social são reduplicados no nível de sua vida física, sexual e afetiva. A impotência social tem seu equivalente na impotência sexual; à auto-mutilação dos indivíduos, que se previnem contra os efeitos da censura, correspondem a amputação, a deformidade física e a castração nas relações afetivas; a traição, que na vida social se dá pela comissão, o acovardamento e o roubo, reproduz-se na vida afetiva e sexual das personagens; a relação de autoritarismo/passividade traduz-se, no plano sexual, pelo sado-masiquismo; e, por fim, ao medo da paixão transformadora soma-se o medo de amar.

A segunda parte do romance, intitulada "Ascensão e morte", mostra a evolução de Alexandra, Maria e Nuno ao longo da história. Estas personagens, que ao lado do Padre Miguel são as que alcançam maior destaque, gradativamente vão perdendo o medo de amar e o medo de transformar o mundo. Esta evolução representa a metamorfose vivida pelo povo português e o próprio devir histórico. Ao final do romance, Alexandra, Maria e o Padre Miguel morrem, em conseqüência da explosão de uma bomba-relógio, colocada no avião que utilizavam na campanha de prevenção contra a peste suína. O momento de ascensão na vida de Alexandra, que marca o início de sua práxis política, coincide com o instante de sua morte, o

que indica que a conquista da liberdade não se dá sem riscos e perdas.

É notável a adequação entre a estrutura narrativa e a temática desenvolvida no romance. A primeira parte, que retrata a imobilidade das personagens, vivendo num tempo cíclico, apresenta uma narrativa circular, através da qual a mesma história é insistentemente recontada. A segunda parte, que descreve a ação das personagens, caracteriza-se pela interrupção da circularidade narrativa, e o fato de os capítulos serem contados a partir do número um evidencia que, após a Revolução dos Cravos, uma nova História começa a ser escrita em Portugal.

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. 4.^a edição.

Maria Magaly Trindade Gonçalves

(Professora de Literatura Inglesa, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara - SP)

Zélia Maria Thomaz de Aquino

(Professora de Português - aposentada)

Zina Bellodi Silva

(Professora de Teoria da Literatura, Departamento de Literatura, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara - SP)

Dante Moreira, Professor de Psicologia, escreveu para seu curso de Livre-Docência em 1964, o texto PSICOLOGIA E LITERATURA que teve sua 1.^a Edição em 1965 e, agora, felizmente, a 4.^a pela Hucitec/Fundunesp, 1987. Trata-se de trabalho fundamental para compreender e desenvolver linhas de pesquisa nessa área e um texto recomendável para os estudiosos de Humanas que devem incluir a Literatura entre suas preocupações.

O trabalho cobre o fundamental sobre o assunto mostrando como a Psicologia pode ser utilizada pelos estudos literários; inclui o ato criador, a obra criada, a repercussão da literatura no público. O A. defende, declaradamente, a análise da obra literária com os

recursos da Psicologia por uma questão de crença. O rigor de D.M.L. vai buscar as raízes de nosso pensamento atual em Platão e Aristóteles os quais fizeram a primeira tentativa de crítica psicológica, Platão através da teoria da inspiração, Aristóteles, da catarse. Por outro lado a Literatura sempre se voltou para a revelação dos dramas permanentes do "nosso espírito e da nossa carne" — por isso a análise psicológica pôde e pode realizar-se com sucesso mesmo nos casos em que vale o enfoque social. A obra literária vale e continua viva porque exprime, "além das condições sociais em que apareceu, uma condição humana, válida em situações muito diversas." Apesar de todas essas vantagens e/ou aspectos positivos, a psicologia, entretanto, não tem condições para explicar a permanência da obra.

D.M.L. estuda as teorias psicológicas contemporâneas que podem contribuir para a explicação do pensamento produtivo do qual tira grande partido. O autor apresenta Freud, Jung e a Gestalt, tocando naquilo que lhes é fundamental estabelecendo sua relação com os estudos literários.

Freud inverte a forma de entender da Psicologia tradicional que separava a vida afetiva e emocional e afirmava a possibilidade de a razão dominar o sentimento; entende que os conflitos afetivos subjazem à racionalidade aparente, mas não explica o pensamento criador na ciência. Freud, mais consagrado pelos cientistas, mostrou-se limitado na análise da arte — parecia ver os mesmos conflitos em todas as obras. Jung, sem apresentar um código sistematizado consegue, no entanto, explicitar a variedade e diversidade das obras de arte. A formulação de *inconsciente coletivo*, problemática para a psicanálise, é extremamente funcional na análise e crítica literárias. Af estão os arquétipos, símbolos ou imagens que aparecem no pensamento religioso, na literatura e na arte.

Ao estabelecer a relação entre Psicologia e estudos literários D.M.L. mostra sua capacidade de síntese apresentando a divisão importante de seu trabalho: é necessário explicar o pensamento criador e a leitura da obra literária. A expressão do pensamento em D.M.L. é a do professor interessado no crescimento do discípulo: à medida que seu trabalho se desenvolve ele toca no óbvio (fundamental) que o leigo não se lembra de abordar — a diferença entre o pensamento produtivo na ciência e na técnica de um lado, e na arte, de outro, não se reduz ao primeiro, ser uma busca de solução para um problema

imediate (nem sempre foi assim que o pensamento produtivo científico se desenvolveu) e a arte nem sempre significa resposta a problemas, muitas vezes é um tipo de fuga. Há diferença entre pensamento produtivo na arte e na ciência ou na técnica; na arte quase nunca esteve ligado a solução de problemas mas na ciência e na técnica, quase sempre. Curioso é que o desenvolvimento da matemática nem sempre se deu em termos de solução de problemas. Na verdade "a atividade do pensamento pode chegar a construções desligadas de qualquer atividade prática". Da mesma maneira que uma invenção — que pode ter sido provocada ou não por uma necessidade imediata — os componentes de um texto escrito podem se combinar provocando o aparecimento de algo com ou sem valor literário, independentemente do sentido que ele possa ter para a História. O exemplo das CATILINÁRIAS é um achado.

A definição que o A. traz de linguagem literária está absolutamente de acordo com aquela aceita hoje. Se, de um lado, o cientista procura objetividade em sua expressão, por outro o artista exprime, apesar dos limites, aquilo que é pessoal; o pessoal não é o que se transforma em impenetrável e inexplicável, é de certa maneira único, e se assim não fosse a própria literatura perderia o sentido. De qualquer forma, fica claro que é difícil estabelecer limites definitivos para o pensamento científico diferenciando-o do da literatura. O cientista encontra uma realidade que foi analisada e da qual foram extraídos esquemas teóricos. A sua função será encontrar esquemas para fatos não compreendidos. A situação do artista é parecida, contudo não tão clara; ele repete padrões de época, mas apresenta uma visão nova e original que por sua vez depende do quadro de referência de época naquilo que significa gosto, padrões e superação de padrões.

Interessante o fato de D.M.L. ressaltar que não se consegue explicar por que só alguns indivíduos são criadores, examinando ainda, as questões relacionadas à idade, medida de inteligência e capacidade criadora. De fato esses esforços levam o A. a concluir que o indivíduo criador pode chegar a resultado menos positivo num teste de medida de inteligência.

As teorias atuais não têm como explicar o modo como a aprendizagem se organiza para integrar-se ao processo criador e a falta de resposta persiste. Por outro lado, não há como prever como serão e quando ocorrerão os atos criadores, cujo resultado pode ser analisa-

do e estudado. Sabe-se, no entanto, que o ato criador tem de ser, no mínimo, original e depende de uma compreensão mais aguda da realidade, como no caso das ciências naturais; para a arte, a questão é mais ambígua pois não permite formulações nesse sentido. A única coisa possível é avaliar a criação através do ato crítico, capaz de fazer o julgamento, exercício exclusivo das pessoas de bom gosto.

A psicanálise, sem pretensão a certezas, pode explicar aspectos da obra, mas não as condições definitivas da sua criação. Pode estudar a relação entre equilíbrio, desequilíbrio, tensão e produção, após uma situação de desequilíbrio aparecem tensões que levam a uma solução. A evolução científica tende a eliminar tensões que na obra se manifestam através da expressão. Entretanto a literatura se faz com palavras e não com tensões. Além disso o A. lembra que as tensões aparecem tanto na boa como na má literatura.

Esta lucidez é importante. O equilíbrio de D.M.L., não favorecendo a nenhuma de suas grandes paixões (a Psicologia e a Literatura), é louvável, pois confere a cada uma o destaque e o valor corretos. Na Parte II, "Análise Psicológica do Texto" o trabalho ganha interesse especial para o estudioso da Literatura. Fica explicitado o limite da análise psicológica e os recursos que ela pode oferecer. o domínio da Psicologia é secundário para a Literatura tanto quanto o das condições sociais, cujo estudo interessa, de fato, ao psicólogo e ao sociólogo. Mas existe possibilidade de esses dados serem interessantes para o crítico, na medida em que explicam os aspectos constitutivos da obra. O psicólogo vê a obra como exemplo de um processo conhecido empiricamente e o sociólogo a vê como demonstração de suas teorias. Pode ocorrer de o crítico utilizar tais dados, sem a necessária prudência. O A. emite, então, um princípio importante da Teoria da Literatura: os conceitos utilizados devem ser impostos de dentro para fora e não de fora para dentro.

D.M.L. afirma que a obra é inesgotável e tem absoluta consciência de que cada época tem particulares padrões interpretativos e procura ver seus problemas à luz do conhecimento e crença peculiares. A Literatura mostra sua superioridade: as paixões, as angústias, as alegrias do passado morrem com os homens que as sentiram, permanecendo apenas a sua expressão literária (com valor estético), como produto do presente.

Para enfatizar a importância das teorias escolhidas D.M.L. as retoma, extraindo-lhes o essencial para a formulação de métodos de abordagem da Literatura. Reconhece a importância de Freud, a contribuição maior de Jung e a praticidade da Gestalt, agora incisivamente.

Como o autor se apoiou em um forte e adequado aparato teórico, sente-se livre e seguro para abordar as obras escolhidas: o conceito de amor em SENHORA e LUCÍOLA; examina suas personagens e conclui que são, em certos momentos, reveladoras, embora caiam no convencionalismo. Conclui que a superioridade da obra não se mede por critérios psicológicos e sim estéticos. A análise de D. CASMURRO também é modelar. Privilegia esse texto por apresentar conflito semelhante ao de Alencar mais literariamente superior. CAMPO GERAL é objeto de outra excelente análise. Examina-o a partir do foco narrativo, comparando com outros textos analisados.

Na Parte III o A. examina a Percepção do texto mostrando que ela depende do objeto, do percebedor e das condições em que se efetua. Mostra que a preocupação com os efeitos da Literatura no público vem desde Platão e Aristóteles.

Num espaço limitado, assim, D.M.L. aborda pontos fundamentais que vivem a perturbar os pensadores desde Platão, encarando lucidamente as três grandes realidades da literatura: autor, obra, leitor.

Para terminar gostaríamos de lembrar que um texto com tal densidade, clareza, complexidade, profundidade, só poderia ter sido escrito por "um homem raro que sabia conciliar duas paixões em geral opostas: o amor à ficção e o respeito à ciência" como tão concisamente exprime o Prof. Alfredo Bosi no *Prefácio à 4ª Edição*.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral